

Cala a boca já morreu (porque criança também tem o que dizer): um programa para crianças feito pelas crianças e daí surge toda a diferença.¹

Sandra Garcia²

O surgimento das rádios comunitárias no início desta década no Brasil possibilita uma variedade de experiências no âmbito da radiodifusão. Essas rádios, que surgem democraticamente para ampliar o nível de participação das pessoas na comunicação social, volta e meia apresentam programas inovadores no rádio. Neste paper, que faz parte de um dos capítulos de minha dissertação de mestrado, analiso a experiência de um deles, o programa infantil “Cala a boca já morreu (porque criança também tem o que dizer)”.

No Brasil, começou-se a falar em rádios comunitárias no início da década de 90, quando as rádios, que até então não possuíam concessão governamental para funcionar, passaram a ser utilizadas em maior escala pela comunidade de vários bairros. De acordo com José Carlos Rocha, integrante do Fórum Democracia na Comunicação, entidade ligada à defesa das rádios sem concessão, o termo “rádio comunitária” surge a partir de 1991, durante o Terceiro Encontro Nacional de Rádios Livres, em Macaé, RJ.

“Antes as rádios eram mais de cultura alternativa e de repente com o grande crescimento das rádios, muitas passaram a ter um trabalho mais vinculado à comunidade e funcionando de peito aberto, nada clandestino, nada romântico e aventureiro, uma rádio que presta serviço aos interesses da comunidade”.³

Além disso, os projetos que entraram em tramitação pelo Congresso Federal regulamentam o funcionamento das rádios de caráter comunitário. Por isso, muitas rádios se auto-intitulam comunitárias na esperança de poder funcionar sem o risco de apreensão.⁴

¹Resumo da dissertação “Rádios Ilegais: da legitimidade à democratização das práticas”, defendida em setembro de 1997 na Universidade Metodista de São Paulo, Umesp.

² Jornalista, mestre em Teoria e Ensino da Comunicação, professora no Cesumar –Maringá/PR

³ Entrevista concedida à autora no dia 21 de julho de 1993

⁴ As rádios comunitárias foram regulamentadas em fevereiro de 1998.

É preciso não confundir as rádios comunitárias com as rádios de alto-falantes. Enquanto aquelas emitem em frequência modulada, portanto, sintonizadas nos aparelhos radiofônicos, estas emitem através de alto-falantes suspensos em postes – por isso são conhecidas como rádios populares, rádios-poste, bocas de ferro etc. – e são muito comuns no interior das cidades brasileiras⁵, principalmente no Norte-Nordeste.

As rádios comunitárias (e, num determinado momento, também as rádios livres) têm um formato semelhante ao do rádio brasileiro da década de 20: as emissoras comunitárias possuem entre seus ideais propagar a cultura, o lazer e a educação, nascem também no formato de associações e são mantidas com contribuições e apoios culturais. Além disso, é comum na rádio comunitária o apresentador de um programa ser a mesma pessoa que vai atrás de apoios culturais e representar ao mesmo tempo o contato comercial, o produtor, o redator e o locutor.

Uma rádio de caráter comunitário pertence a uma associação sem fins lucrativos, cuja preocupação fundamental é ceder espaço para a expressão de vários setores de uma determinada comunidade. A gerência da emissora fica a cargo dessa associação, que precisa ser pluralista. Assim, fazem parte a dona-de-casa, o jovem, o comerciante, o padre, o pastor, a mãe-de-santo, o estudante, o trabalhador, o vereador da região, a oposição política, o aposentado, o professor e quem mais vier para colaborar. É a partir desse mosaico que a voz da comunidade vai-se delineando na emissora, sem discriminações e com espaço para todos. Outra característica da rádio comunitária é o seu alcance, que precisa ser mínimo (25 watts foi a potência estipulada para a regulamentação federal).

A maior importância das rádios comunitárias é o seu papel social, enquanto porta-vozes de uma (grande) parcela da população, que não tem um canal de comunicação próprio. Essas emissoras representam, assim, a voz da comunidade fazendo-se ouvir, procurando uma resolução para os seus problemas, com vistas a um avanço social.

⁵ De acordo com Sônia Virginia Moreira, op. cit., p. 65, as emissoras que utilizam os alto-falantes geralmente prestam serviços de utilidade pública, com programas elaborados pela comunidade em que se situam. Interessante observar que, com o avanço das rádios livres no Brasil, o baixo custo do equipamento e, por trás de tudo isso, o avanço tecnológico, muitas rádios que funcionavam com alto-falantes abandonaram essa prática e passaram a fazer uso do rádio em frequência modulada.

Primando por esse perfil, nasce em julho de 1995 a Rádio Cidadã, uma rádio comunitária localizada no Jardim Bonfiglioli, bairro do Butantã, zona Oeste da cidade de São Paulo. Essa emissora foi criada com o objetivo de desenvolver um trabalho voltado à comunidade da região em que funcionava.⁶ Para isso, nos dois anos em que funcionou, tentava encontrar uma maneira de integrar os moradores de diferentes classes sociais existentes na região e assim ser um veículo de expressão de todo o bairro e não apenas de determinado grupo.

A Rádio Cidadã foi criação de um grupo de pessoas, sob a liderança de Luci Martins, jornalista e líder comunitária, que, junto com sua família, financiou todo o projeto da rádio, cedendo os equipamentos, inclusive a casa onde a rádio funciona. É Luci também quem preside a Associação Cidadã do Butantã, entidade mantenedora da rádio. Por ocasião da coleta de dados para esta pesquisa, havia 26 programas no ar, divididos em 17 ou 24 horas diárias de programação. Do total exposto, 18 programas são musicais; os outros oito possuem temáticas diversas, entre as quais reclamações da comunidade, crianças, adolescentes, religião e entrevistas.

Dentre os programas da Rádio Cidadã, um dos mais inovadores foi o programa Cala a boca já morreu, dirigido às crianças e o mais importante: feito pelas próprias crianças - da pauta, passando pela operação da mesa de som até sua apresentação. O programa ia ao ar aos domingos, das 16 às 18 horas e foi criado para viabilizar um projeto de educação alternativa, batizado de Rádio-Escola, envolvendo crianças de sete a doze anos de idade. Na realidade, era o momento prático das oficinas de rádio idealizadas pela pedagoga e psicopedagoga Grácia Lopes Lima, em sua escola, o Gens Serviços Educacionais.

Eu levei para participar da oficina algumas crianças que eu atendia enquanto psicopedagoga. Eu tinha algumas crianças que tinham dificuldade de aprendizagem, de relacionamento, de auto-imagem muito negativa e eu vi a possibilidade delas estarem desenvolvendo um trabalho em que essas deficiências pudessem ser favorecidas uma vez que estariam integradas à crianças que não têm dificuldade tão acentuada (...) O grupo

⁶ A Rádio Cidadã foi apreendida em julho de 1997 numa ação da Polícia Federal.

nasceu boca a boca, inicialmente com as crianças que eu atendia que devagarinho foram falando pro amigo, pro vizinho, pro colega e o grupo foi se formando aleatoriamente.⁷

As crianças que participavam do projeto Rádio-Escola não eram colocadas imediatamente no programa. O processo era gradativo, havendo uma preocupação grande em esclarecer, principalmente aos pais, que o objetivo não era artístico, não visava formar talentos mirins e sim, educar, incentivando hábitos de leitura e escrita.

No primeiro mês de programa, as crianças não ficavam sozinhas no estúdio, contavam com a companhia de Grácia, que mediava os assuntos, e tinham operadores da rádio fazendo a parte técnica. “Depois de um mês, avaliando o trabalho, eu disse: ‘não, eu acho que o mais legal é eu cair fora e deixar que as coisas rolem espontaneamente com o linguajar deles e contando com a minha participação na organização, impedindo que falem juntos, por exemplo, mas não tendo uma atuação direta’”.

A partir desse momento, a participação de Grácia se restringiu à produção do programa. Junto com as crianças, ela passou a elaborar as pautas de cada edição e, durante a apresentação, fazia a supervisão. A técnica também passou a ser feita pelas crianças: todas operam a mesa de som, em regime de revezamento.

Participavam do Cala a boca... cerca de vinte crianças de dez escolas diferentes, entre públicas e particulares, da região Oeste de São Paulo. Desse grupo, dez crianças fizeram parte do projeto desde o seu início. O critério de seleção era estarem cursando a escola regular, gostassem de ler e escrever e fossem curiosas para poderem experimentar o rádio como veículo de expressão.

A primeira edição do programa foi no dia 20 de agosto de 1995. Dividido em blocos e abordando diversos temas, o programa pode ser classificado como infantil, dentro do gênero especial, segundo a classificação proposta por André Barbosa Filho⁸, que sugere uma classificação dos gêneros radiofônicos “em razão de sua função específica de seu objeto diante de sua audiência”. O autor divide em sete os gêneros radiofônicos: jornalístico, educativo-cultural, de entretenimento, publicitário, propagandístico, de

⁷ Depoimento dado à autora em maio de 1997.

⁸ Gêneros radiofônicos; tipificação dos formatos em áudio. São Bernardo do Campo, IMS, 1996. Dissertação de mestrado, p.37.

serviço e especial, sendo que este último, objeto de nossa análise tem como principais funções divertir, educar e informar.

O principal objetivo d'O Cala a boca já morreu... foi o de ser um espaço alternativo de educação, no qual as crianças integrantes do programa aprendessem a expor seus desejos, dúvidas e conhecimento, num processo de aprendizagem via rádio, diferenciando-se completamente dos programas infantis conhecidos. Nele, como já foi frisado, não é um adulto que fala para as crianças e sim as próprias crianças, senhoras de suas palavras, falam para outras crianças.

Cada edição d'O Cala a boca já morreu... era fechada em reuniões semanais, que visavam discutir o desempenho de cada criança e preparar os programas com antecedência. Esses encontros ocorriam uma vez por semana, das 19h30 às 21 horas, com a presença de todas as crianças do projeto, reservando-se espaço para que elas falassem de si mesmas, para a produção das pautas do programa seguinte, para a avaliação do programa anterior e também para as brincadeiras entre as crianças.

Nessas reuniões, todos aprendiam a fazer pauta e possuíam um caderno para anotar cada passo da reunião: nome dos presentes, atrasos, faltas, elaboração dos assuntos do programa etc. Algumas regras eram seguidas, todas formuladas conjuntamente; duas delas: três faltas não-justificadas excluem a pessoa do grupo e lição de casa não é justificativa para faltas. O voto era a maneira de decidir sobre os assuntos e todos votavam e expunham sua escolha.

A pauta do programa era apontada pelas crianças, que sugeriam os assuntos que queriam discutir em cada bloco. O Cala a boca já morreu... era composto de 11 blocos fixos e nem todos eram apresentados em cada edição, pois, dependendo do assunto, era preciso mais espaço para determinado bloco. Havia um cuidado para que um bloco não fosse muito mais extenso que outro, por isso o grupo decidiu que cada bloco teria em torno de seis minutos, intercalados por música a cada três minutos. A exceção ficava por conta de um assunto de maior interesse para as crianças.

Os blocos surgiram a partir dos assuntos que as crianças queriam ver no programa. Alguns temas, como educação ambiental e política, foram sugeridos por Grácia: "Alguns assuntos, dada a forma como são apresentados nos meios de comunicação, a criança foge

rapidinho porque é muito chato. Falar de política é muito chato, falar de ciências é muito chato, mas eu acho que é chato porque foi passado de uma forma desagradável, foi passado numa linguagem inacessível, então por que a gente não pode aprender a falar desses assuntos?”, questionava a supervisora.

Os nomes dos blocos: Notícia quente é com a gente; Acorda, meu filho; Espaço sideral; Criança ecologia; Nham, nham; Tamanho não é documento; Beijinho de amor; Leitura da hora; Saúde da terra; Adivinhações; e Rádio-novela.

Notícia quente é com a gente é um bloco que tratava de temas diversos de interesse das crianças, como a questão ambiental, mas podia ter também entrevistas com um político, um dentista ou um grupo de atores de peça infantil. As entrevistas eram sugeridas e produzidas por Grácia. Segundo ela, as crianças ainda não percebiam a possibilidade de receber pessoas para falar sobre determinados assuntos, daí sua influência; é ela que faz também o contato com o entrevistado.

Acorda, meu filho é específico para reclamar de qualquer assunto que incomode as crianças no dia-a-dia. O mais comum é a reclamação do preço de produtos, como lanches na cantina, material escolar etc.

Espaço sideral tratava dos assuntos intergalácticos, como planetas, sistema solar, pesquisas em outros planetas etc.

Criança ecologia é o bloco que falava de meio ambiente: da água, dos animais em extinção, da poluição, entre outros.

Nham, nham é o menor bloco do programa e ia ao ar na sua segunda hora. Nele era passada uma receita culinária feita comprovadamente pelas crianças. Havia um rodízio no qual cada um dos componentes do programa testa em casa a receita e depois a divulga no bloco.

Tamanho não é documento recebia convidados mirins para mostrarem seus talentos, cabendo também a divulgação de trabalhos de adultos para crianças.

Beijinho de amor é o bloco romântico, também da segunda hora. Nele surgia a personagem Tatiane, interpretada por Ísis Soares, dez anos, que participava do programa desde os oito anos. Esse bloco foi criado para aproveitar o talento das crianças na criação de personagens. Apesar de já terem existido outras personagens, como o Espírito Santo,

um menino que imitava Silvio Santos, apenas a personagem Tatiane continuou com o seu Beijinho de amor, que recebe versos de ouvintes e recados de namorados para divulgação. Na Leitura da hora, as crianças comentavam os livros que liam e ocasionalmente entrevistavam autores cujos livros foram lidos e discutidos por todo o grupo. Passaram pelo bloco escritores de livros infantis como Pedro Bandeira, Eva Furnari, Maurício de Sousa, Wagner Costa e Ziraldo.

Saúde da Terra foi um dos últimos blocos criados pelo programa e dele participavam algumas das 20 crianças do projeto homônimo, em que crianças carentes aprendiam o cultivo e a utilidade de plantas medicinais numa horta comunitária, criada na Sociedade Amigos de São Domingos, situado no próprio bairro do Butantã. As crianças contavam neste bloco as suas experiências no projeto, além de participar de todas as outras partes do programa.

Adivinhações é o bloco em que as crianças brincavam de “O que é, o que é?”, contavam piadas e curiosidades.

A Rádio-novela não era constante. Textos de livros eram transformados em novela, que era gravada pelas crianças durante as reuniões semanais. Por ocasião desta pesquisa, a novela que estava na pauta para gravação era “Vidro vira vidro”, sobre a reciclagem de materiais.

As músicas que tocavam em cada programa também eram de escolha das crianças, que geralmente reforçavam a discoteca da rádio com seus acervos pessoais, basicamente de estilo pop, rock e dance music.

Para Grácia Lopes, a falta de uma programação musical era um problema a ser resolvido, pois em sua opinião o gosto das crianças é marcado pela imposição da mídia, que de tempos em tempos lança um novo ídolo no mercado fonográfico: “Aí eu fico pensando: cadê a dimensão também educacional quanto à educação auditiva dessas crianças?”. A solução, segundo ela, seria mesclar outras opções musicais com as músicas que as crianças gostam.

A audiência do programa foi diversificada, composta de jovens, adultos e crianças. Não se tinha idéia do número de ouvintes, mas não parecia ser grande, pelo número de telefonemas – em torno de 5 – nas quatro edições acompanhadas. A razão pode ser o

horário em que o Cala a boca já morreu... ia ao ar: domingo, das 16 às 18 horas, horário em que também são transmitidos os programas televisivos de Fausto Silva e Silvio Santos, o que se torna uma concorrência injusta com o Cala a boca já morreu...

Alguns trechos de edições do mês de abril de 97

Ilustrando um pouco a maneira como era desenvolvido o Cala a boca já morreu... selecionamos alguns trechos de blocos dos programas do mês de abril. Toda edição do Cala a boca já morreu... começava com a vinheta do programa, seguida da apresentação explicando que o Cala a boca já morreu... era mais um dos programas do projeto Rádio-Escola; além disso, cada uma das crianças se identificava, dizendo seu nome e a seguir começava a apresentação dos blocos com seus respectivos assuntos.

No programa do dia 6 de abril, o Notícia quente contou com a participação de um odontólogo, Franco Rattichieri, que falou sobre sua profissão, os cuidados com a higiene bucal, explicou o que é o dente de leite e o dente do juízo etc. O bloco foi estendido para mostrar uma entrevista feita pelas crianças com os atores da peça “Uma professora muito maluquinha”. As crianças assistiram à peça e em seguida realizaram a entrevista. Eis um trecho:

Ísis: Estamos aqui diretamente do teatro Bibi Ferreira, a gente acabou de assistir à peça “Uma professora muito maluquinha” e a gente agora vai fazer um bate-papo com os atores.

Hans: Bom, o namorado, cadê? Cadê o namorado? (referindo-se ao ator que faz a personagem que namora a professora)

Namorado: Pode perguntar. Qual é a primeira pergunta? Tô nervoso...

Hans: O que você achou de encantador na professora?

Namorado: O que eu achei de encantador? Eu achei ela bem maluca. Eu acho que ela deixa a gente fazer o que quer, lá a gente pode brincar, a gente tem a liberdade, mas a liberdade vigiada por ela, então ela dá uma chance da gente não ficar com aquela coisa tradicional, sabe? (...)

A entrevista prossegue com os atores falando da dificuldade de se interpretar um papel infantil e da mensagem da peça. Tanto na entrevista que fizeram com o dentista,

quanto na entrevista com os atores, o grupo do Cala a boca já morreu... mostrou-se bastante integrado aos assuntos. O contrário ocorreu no mesmo bloco da edição de 13 de abril, cujo entrevistado do Notícia quente foi o deputado estadual Lívio Geosa (PSDB). Transcrevemos a seguir o início da entrevista:

Ísis: Bom, gente, agora vamos entrevistar o deputado estadual Lívio Geosa, que é suplente do Walter Feldman, né?

Lívio: Isso.

Ísis: Ah, bom. Então, antes eu queria te agradecer por você ter vindo junto com a sua família, esposa.... E quando você começou a ter um cargo político?

(...)

Lívio: Sou fã desse programa. Conheci vocês numa grande reunião que a gente fez através das rádios comunitárias (...) Bom, respondendo a sua pergunta, bom, primeiro que eu realmente desde criança que eu me interessava por assuntos políticos (...)

Ísis: Quando você começou a ter um cargo político?

Lívio: Então, sobre duas coisas, né? Uma coisa é você exercer a política no Executivo, outra coisa é você exercer a política no Legislativo. Eu vou explicar (...)

Nessa primeira parte da entrevista, apenas o deputado fala e é pouco interpelado pelas crianças. A primeira pergunta foi sobre o início da carreira de Lívio Geosa como político, o que deu margem a uma extensa resposta. Sua explicação é didática e as crianças se manifestam pouco, por isso ele fala durante mais de dez minutos, com quase nenhuma interrupção.

Nota-se um certo desinteresse por parte das crianças, algumas conversam no estúdio e poucas parecem prestar atenção ao que o deputado fala. Após um breve intervalo musical, no qual Grácia chama a atenção das crianças por estarem pouco participativas, o grupo muda de atitude, fazendo mais perguntas ao deputado e colocando ainda a sua filha, mais ou menos da mesma faixa etária que as crianças do Cala a boca já morreu..., para dizer o que pensa sobre a profissão do pai.

Ísis: Agora vamos fazer uma pergunta pra sua filha Joana. Tudo bem? Então.. cê não sente falta do teu pai, às vezes, quando ele vai fazer reuniões em algum lugar? Você não sente falta dele?

Joana: Sinto.

Ísis: E você preferiria que ele levasse você junto ou que ele ficasse?

Joana: Que ele ficasse.

Ísis: Que ele ficasse? Então tá. E você gosta de política?

Joana: Não.

(risos)

Ísis: Bom, por que você não gosta?

Joana: Ah, porque... ah, não sei explicar direito.

Ísis: Você acha chato?

Joana: Acho.

Hans: Bom, muita criança acha, né? Porque às vezes não entende, como a gente às vezes também não entende algumas coisas, então a gente: “ah, isso daí é chato, a gente não entende, é complicado”.

Ísis: Quando é horário político, desliga a televisão...

(...)

Hans: Você, ouvinte, mesmo não estando aqui, você pode perguntar. Liga pro 268-3302 e você vai poder falar...

O grau de participação das crianças depende do assunto da entrevista. Quando estão explorando pouco um assunto durante o programa, como no caso da entrevista com o deputado, entra em cena a supervisão de Grácia, que orienta o grupo a mudar de atitude, com o seguinte discurso: “O programa é de vocês, interfiram, cortem a fala, façam explicar de outro jeito, digam ‘não entendi’, mas nós temos que começar a falar dessas coisas, senão o mundo não muda”.

Mas o Notícia quente não é feito apenas com entrevistas e a participação de convidados. Podem haver também discussões como os motivos da poluição dos rios ou as notas recebidas na escola.

Um dos blocos que mais demonstram a preocupação das crianças com o meio ambiente é o Criança ecologia, em que já foi entrevistado o biólogo do projeto S.O.S. Mata Atlântica e coordenador do Núcleo Pró-Tietê, Samuel Barreto, que falou sobre o rio Tietê, e um professor do Instituto Butantã, que conversou sobre cobras com as crianças.

Assim como o Notícia quente, este bloco nem sempre contava com a participação de convidados, o que possibilitava que as crianças falassem sobre outras coisas, como os animais que estão em extinção, por exemplo. Quando o tema é esse, o grupo fica responsável por pesquisar a respeito e conseguir todas as informações possíveis sobre a matéria, como a que foi ao ar no programa do dia 13 de abril:

Ísis: E hoje, qual que é o assunto de hoje, Hans?

Hans: O assunto de hoje é o lobo.

Ísis: Que lobo? O guará?

Hans: Não somente do lobo guará, mas de todos os lobos.

Ísis: Posso falar um pouquinho primeiro?

Hans: Fala.

Ísis: O nome científico do lobo guará é *Chrysocyon brachyurus*; o tamanho dele, ele mede de um metro e vinte a um metro e quarenta, mais a cauda de 40 centímetros (...)

(...)

Hans: Quem escreveu a história do Lobo Mau, da Chapeuzinho Vermelho nunca viu um na vida, né? O lobo na verdade não é tão mau assim e é até considerado bem covarde, acredita? Aquele lobo que o pessoal “nossa, que feroz” é até considerado bem covarde. Ele só ataca animais pequenos como sapos, lagartos, roedores e também se alimenta de frutas, ovos, insetos e raízes (...)

Hans continua, falando a respeito do modo de vida do lobo guará e das suas características. As crianças contam as histórias que conhecem a respeito do lobo, como ele é representado nas histórias em quadrinhos e nos desenhos animados, comparando com a realidade. Ao final, pedem aos ouvintes que liguem caso queiram saber mais informações sobre os lobos.

No programa do dia 20 de abril, os assuntos que mais despertaram o interesse das crianças foram o descobrimento do Brasil e Tiradentes, no bloco Tamanho não é documento:

Renato: Agora, gente, pra quem não sabe, segunda-feira, amanhã, dia 21 de abril é o Dia de Tiradentes, feriado nacional. Então agora eu vou falar um pouquinho de Tiradentes que amanhã vai fazer aniversário, não, aniversário não (...).

Hans: Lembrando que dia 18 foi o aniversário de Monteiro Lobato, né? E dia 19 foi o Dia do Índio.

(...)

Renato: ... como amanhã é o Dia de Tiradentes, eu vou contar um pouquinho da vida de Tiradentes. Tiradentes não é um barbudo nem cabeludo como mostra as representações conhecidas do maior personagem da Inconfidência Mineira (...).

Ísis: Bom, gente, agora eu quero falar uma coisa que um ouvinte chamado Paulo... ele disse que o nome certo, Calhandra, não é bicarbonato de sódio, é cloreto de sódio (referindo-se ao bloco anterior, o Nham, nham, quando foram passadas as receitas de fondue de chocolate com rabanete e de soda limonada; um dos ingredientes da soda, de acordo com Calhandra, era o bicarbonato de sódio).

Calhandra: Quanta correção, né?

Renato: Valeu, pessoal, é Rádio-Escola, então a gente tá aprendendo, por isso que serve de escola. Então, pessoal, mais um super-recado, que dia 22 de abril, terça-feira... fala, Ísis.

Ísis: Por sinal, temos ouvintes, né?

Renato: É claro, por sinal, temos ouvintes e isso é muito bom, valeu vocês terem corrigido a gente, e dia 22 de abril, que é terça-feira, foi o descobrimento do Brasil.

Hans: Na verdade, não foi descobrimento, foi invasão; o Brasil já estava descoberto porque já existiam os índios que são nativos. Saiu uma reportagem no jornal no Estadinho desse sábado que diz que os professores de escola dizem que o Brasil foi descoberto pelos portugueses, mas.... historiadores dizem que ele não foi descoberto e na verdade eles descobriram oficialmente e eles invadiram o Brasil...

Renato: É. Mas na história tá marcado como descobrimento do Brasil, né? Porque os índios, a gente não sabe como os índios vieram.

(Grácia fala do outro lado do estúdio que os índios já estavam aqui. Nesse momento, várias crianças falam ao mesmo tempo, defendendo seu ponto de vista.)

Adriano: Só que eles tão falando que os índios vieram da Índia.

Renato: É... não, isso são várias hipóteses, né? Ninguém pode...

Hans: Os índios foram chamados de índios porque os portugueses na verdade queriam chegar nas Índias e não sabiam da existência das Américas, chegaram no Brasil, viram eles e disseram que eles eram os índios, pensando que ali era as Índias, por isso que os índios são chamados de índios.

(Renato continua falando sobre a versão oficial para o descobrimento do Brasil. Após um intervalo musical, Hans retoma a hipótese de invasão, e Grácia, que acompanha de fora do estúdio, pergunta a ele a fonte da informação.)

Hans: Isso eu tirei do Estadinho, que vem dentro d'O Estado de S. Paulo, de sábado, 19 de abril.

Essa passagem demonstra a curiosidade das crianças pelos temas explorados, ou seja, elas não se limitam a pesquisar apenas a versão oficial, que muitas escolas repassam, e sim procuram ver outras interpretações, num saudável exercício de busca de conhecimento. O grupo preocupa-se em trazer novidades para o programa e em apresentar a fonte da informação. Essas observações também foram verificadas no bloco Acorda, meu filho, do dia 27 de abril:

Mariana: É o seguinte, eu vou reclamar sobre a segurança dos shoppings; eu não vou falar o nome do shopping, mas...

Todos: Pode falar.

Mariana: É, então, ontem eu cheguei do shopping Continental, cheguei em casa e liguei a TV, daí, quando eu liguei a TV, tava passando "Bomba no shopping Continental". Ainda bem que eu saí de lá, viu?, porque tinha uma bomba lá dentro, dentro de um vaso sanitário, eu não lembro em qual dos banheiros.

Hans: Já pensou se alguém senta lá? Ia ser desagradável...

(risos)

Ísis: Isso não é motivo de risadas.

(mais risos)

Calhandra: É, cê falou e tá rindo, né, Ísis?

Hans: Não, sem brincadeira. Já pensou se alguém senta lá? Ia ser chato...

(...)

Ísis: Como você acha que deve ter surgido essa bomba?

Mariana: Não sei (...) Você vai passear, acha que tá tudo bem e depois chega lá e explode o shopping que você tá e você morre... é tão simples... é demais, né?

(...)

Ísis: Ô, gente, espera aí, nós temos que verificar isso direito, né? Porque... pra não ficar assustando os outros, pra gente saber direito o que aconteceu. Não vamos ficar falando coisas que a gente não tem certeza.

Apesar de brincarem um pouco com o assunto, as crianças logo demonstram a preocupação de não se divulgar uma notícia equivocadamente e por isso elas colocam a dúvida, prometendo voltar ao assunto no programa seguinte. Em seguida começam a reclamar de outras coisas, inclusive da violência dos policiais no caso da favela Naval, de Diadema, e mostram-se relativamente assustadas com a história. A seguir, transcrevemos um trecho em que falam desse assunto:

Renata: Eu queria falar dos PMs, que eu vi na televisão que os PMs tão batendo nas pessoas que passam assim nas ruas sem motivo de bater...

Hans: Sem motivo? O caso de Diadema lá, aquilo foi mais do que sem motivo...

Renata: Olha, na minha escola... eu acho isso ruim porque em vez de bater eles podiam ajudar as pessoas.

Calhandra: Na minha escola tem gente que prefere ficar do lado de um trombadinha do que de um PM, ele acha mais seguro.

Ísis: (...) tão falando na televisão que é preferível agora você chamar o ladrão do que chamar a polícia...

O programa Cala a boca já morreu... pode ser considerado o mais inovador da Rádio Cidadã. Nele, crianças faziam um programa para crianças no seu particular ponto de vista (e os adultos podem aprender muito). É claro que a mão da psicopedagoga estava presente, mas apenas como uma maneira de organizar os pensamentos das crianças, que muitas vezes se atrapalhavam ao microfone, principalmente na parte técnica. No entanto, tudo foi um rico aprendizado e por isso o exercício foi estimulante, já que incentivou as crianças a pensar a realidade criticamente, a não aceitar os acontecimentos passivamente, através do que está escrito nos livros de história. Para isso contribuíram dois fatores:

1. a maioria das crianças que formaram o grupo eram da classe média e tinham acesso a jornais, revistas, boas bibliotecas e até mesmo já utilizavam a Internet em busca de informações. Mas, com a entrada das crianças do projeto Saúde da terra, cuja maioria era da classe baixa, começava-se a mesclar o grupo e a troca de experiências de vida passou a ser um novo componente;

2. a vivacidade do Cala a boca já morreu... manteve-se em decorrência da preocupação em não sobrecarregar as crianças de tarefas, reservando-se espaço para brincadeiras nas reuniões semanais e no próprio programa. Além disso, insistia-se na filosofia do trabalho por prazer, deixando-se a criança livre para sair do grupo quando quiser. “O mais importante”, nas palavras da pedagoga, “é a criança participar enquanto tiver prazer, caso contrário, viraria algo burocrático”.

Bibliografia

Barbosa Filho, André. Gêneros radiofônicos; tipificação dos formatos em áudio. São Bernardo do Campo, IMS, 1996. Dissertação de mestrado.

Brecht, Bertold. “Teoría de la Radio (1927-1932)”. In: Bassets, Lluís (ed.) De las ondas rojas a las radios libres. Barcelona, Ed. Gustavo Gili, 1981.

Fernandes, Francisco & Barros, Laan Mendes (orgs.). Comunicação e solidariedade. São Paulo, Loyola/UCBC, 1992.

Festa, Regina, Comunicação popular e alternativa; a realidade e as utopias. São Bernardo do Campo, IMS, 1984. Dissertação de mestrado.

_____. “Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa”. In: Festa, Regina & Silva, Carlos Eduardo Lins da (orgs.). Comunicação popular e alternativa no Brasil. São Paulo, Paulinas, 1986.

Fischer, Desmond. O direito de comunicar, expressão, informação e liberdade. São Paulo, Brasiliense, 1982.

Gomes, Pedro; Bulik, Linda; Piva, Marcia (orgs.). Comunicação, memória e resistência. São Paulo, Paulinas/UCBC, 1989.

Grinberg, Maximo Simpson. "Comunicación alternativa: dimensiones, límites, posibilidades". In: _____ (org.) Comunicación alternativa y cambio social. Ciudad del Mexico, Universidad Nacional Autonoma de Mexico, 1981.

Macbride, Sean. "Um mundo e muitas vozes". In: Relatório da Unesco. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas/Unesco, 1982.

Manzano, Nivaldo. "Escândalo no ar". Caros Amigos, São Paulo, no 2, maio 1997.

Meliani, Marisa. Rádios Livres: o outro lado da voz do Brasil. São Paulo, USP, 1995. Dissertação de mestrado apresentada à Escola de Comunicação e Artes.

Melo, José Marques de. Comunicação; direito à informação. São Paulo, Papyrus, 1986.

_____. "Comunicação na América Latina: a conjuntura pós-desenvolvimentista. In: Melo, José Marques de (org.). Comunicação na América Latina; desenvolvimento e crise. São Paulo, Papyrus, 1989.

Moreira, Sônia Virginia. O rádio no Brasil. Rio de Janeiro, Rio Fundo Editora, 1991.

_____. "A legislação dos meios eletrônicos nos Estados Unidos e no Brasil". In: GT Rádio – XVIII Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1995.

Moura, Rosangela de. "Programa 'Rádio Criança' quer jornal escrito". Folha de S. Paulo, 26 de jan. 1996. Folhinha, 5.

Ortriwano, Gisela. A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo, Summus, 1985.

Peruzzo, Cicilia. "Comunicação Popular em seus aspectos teóricos". In: _____ (org.). Comunicação e culturas populares. São Paulo, INTERCOM, 1995.

_____. "Pistas para o estudo e a prática da comunicação comunitária participativa". In: Peruzzo, Cicilia (org.). Comunicação e culturas populares. São Paulo, INTERCOM, 1995.

Rocha, José Carlos. "Quem vai controlar a rádio comunitária?". In: Encontro Estadual de Rádios Livres e Comunitárias do Estado de São Paulo, 1., São Paulo, 1995.

Salignac, Carla. "As rádios comunitárias são uma forma de participação do povo. Revista E, São Paulo, SESC, no 11, maio 1997.

Santoro, Luiz Fernando. "Rádios livres: o uso popular da tecnologia". Revista Comunicação e Sociedade, no 6, set. 1981.